

A divulgação científica enquanto campo

RESUMO

Luciane Ribeiro do Valle
Jornalista. Mestre em Ciências da
Comunicação
lucianedovalle11@gmail.com

Thales Haddad Novaes de Andrade
Professor do Departamento de
Ciências Sociais da UFSCar
thales@ufscar.br

As reflexões que se seguem apresentam uma discussão sobre um campo legitimado da divulgação científica, a partir dos conceitos de campo científico de Bourdieu e das considerações a respeito de divulgação científica. Desenvolvemos características potenciais de formação deste campo, assim como alguns obstáculos que podem dificultar sua validação. A construção do debate foi feita dialogando entre o pensamento de Bourdieu e alguns dos principais pesquisadores e profissionais que discutem a divulgação científica no Brasil, na atualidade. Para finalizar expomos uma proposta de coexistência equilibrada entre o campo científico e as expectativas em relação à divulgação da ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Bourdieu. Campo científico. Divulgação científica. *Habitus*.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX pudemos acompanhar a dinâmica da expansão das atividades de divulgação científica no Brasil. As iniciativas tímidas do século XIX, deram espaço, mesmo que de forma lenta e desestruturada, a um novo panorama da prática no país. Os meios de comunicação e as políticas públicas são importantes agentes deste impulso, assim como as iniciativas das fundações e associações de pesquisa e divulgação da ciência inauguradas a partir dos anos 70 do século passado. Revistas especializadas, programas de rádio e TV, colunas de jornais impressos, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), os Museus são alguns exemplos rápidos que podem ser dados sobre o caminho traçado pelo movimento de divulgação científica brasileira.

Um outro apontamento que podemos fazer é quanto a forma como se entendia a função da divulgação científica. No século XIX e início do século XX a compreensão era de uma divulgação, exclusiva de resultados, tendo como parâmetros as aplicações técnicas da ciência. Ao longo do século XX e parte do século XXI encontramos pelo menos dois movimentos constantes: por um lado o modelo de déficit, assim chamado porque entende que o receptor dessas informações é alguém que não tem recursos intelectuais e é desprovido de qualquer tipo de conhecimento, logo, a divulgação científica é um ente “salvador” desse indivíduo.

Por outro lado, temos um movimento que vai na contramão deste mencionado que entende a necessidade da divulgação científica como um dos pilares para a manutenção das instituições ligadas à ciência junto com a sociedade e não acima dela. É uma proposta muito mais próxima de uma população tecnológica e intelectualmente conectada que tem o direito e o dever de opinar e decidir sobre a atuação das políticas científicas do seu país.

Assim sendo a informação qualificada e construída ao lado da sociedade, com o diálogo profícuo com a ciência, é uma forma mais democrática e atual de tratar a divulgação científica. Pensando desta forma pretende-se aqui fazer uma reflexão relativa à constituição da divulgação científica enquanto um campo, subsidiados pelo pensamento de Bourdieu (2004) que explica que campo é um espaço de relações sociais com características próprias funcionando como um microcosmo, possuidor de suas próprias leis, porém com autonomia relativa.

Neste primeiro momento objetiva-se pensar/propor perspectivas e características construtivas de um campo – legitimado – da e para a divulgação científica. Os entes integrantes deste campo da divulgação da ciência não são objetos destas considerações aqui presentes. Objetiva-se, sim, num segundo e outro momento, contemplar os agentes que constituem o citado campo e como se dá a relação de forças e autoridade entre eles, também pela perspectiva de Bourdieu, que entende que a legitimação do campo se dá justamente pelo jogo de forças entre os indivíduos que integram determinados campos.

Partindo dessas particularidades existentes nos campos – plural porque há o campo político, econômico, científico, religioso cultural etc. – Bourdieu indica a presença invisível, porém enfática de um poder dentro dos campos: “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 1989, p.7-8).

As experiências que os indivíduos realizam e adquirem dentro do(s) campo(s), suas práticas e concepções acerca da vida podem ser traduzidas, a partir de Bourdieu, como o *habitus*, “um princípio gerador de comportamentos sistemáticos” (BOURDIEU, 2014, p. 345). O *habitus* é gerado por meio de ações dos membros pertencentes aos campos nos quais estão inseridos. Tais ações derivam da atuação dos componentes dos campos que são construídas a partir de uma dinâmica de aceitação e resistência em relação às forças que atuam nos campos.

Uma parte importante e considerável da obra e das pesquisas de Pierre Bourdieu dizem respeito às ciências, ao desenvolvimento de uma sociologia da sociologia, como também aos usos sociais da ciência, inclusive título de um dos seus vários livros. Focando no campo científico, Bourdieu (2004) demonstra como se dá seu funcionamento.

(...) O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. (BOURDIEU, 2004).

Baseados nessa estratégia de funcionamento de campo nos dedicamos então a discutir o campo científico de Bourdieu e a premência da divulgação científica na atualidade. Há que se observar que a abordagem se elabora num nível de contemplar o distanciamento histórico e social que existe entre a obra do sociólogo e as demandas da contemporaneidade. Como complemento de tal concepção é imprescindível entender que tanto a ciência (ou, as ciências) quanto a área da divulgação não são entes imunes às influências política, cultural, social e, principalmente, econômica. Ao contrário, Bourdieu (2004) aponta que há uma dependência instituída no campo científico por causa do financiamento de suas práticas provir do Estado e que tal dependência pode provocar constrangimentos e interferências, especialmente econômica.

Temos o que o autor reiteradamente chama de autonomia relativa. Afinal, por mais que existam ingênuas concepções de laboratórios, centros de estudo e entidades científicas isentos de ação de outras forças sociais é necessário descortinar esse movimento. Uma situação é o resultado da produção científica, outra são as motivações da realização de tais produções. O uso do relativismo neste sentido não é de forma alguma um escape para não enfrentar a realidade posta. Ao contrário, é uma elucidação dos limites impostos aos campos, neste caso particular ao campo científico, que uma vez dotado de expertise científica, vê-se confrontado com restrições políticas e econômicas na aplicação do conhecimento obtido.

Estabelecendo uma analogia é como pensar uma capa que se propõe ser impermeável possuir uma brecha que põe em questionamento seu valor de

impermeabilidade. No campo científico, para além de tantas questões que balizam seu cotidiano, crê-se que essa dependência produza conflitos constantes e, por vezes, insolúveis. Um conflito a se destacar é exatamente este de tentativa de proteção do conhecimento frente ao desafiador ofício de depender econômica e politicamente de forças extra ciência. Santos (1989) também aponta para a complexidade da construção do conhecimento científico num contexto de pressões internas e externas, como, por exemplo, as relações de gênero e as políticas científicas definidas pelo Estado.

Apropriando-nos das noções de campo científico e dedicando-nos numa perspectiva indagativa, é possível estabelecer um diálogo entre o campo científico de Bourdieu e o que se entende por divulgação científica? A quem pertence este campo? Ou melhor, quem legitima o campo da divulgação científica?

INTERSEÇÕES ENTRE O CAMPO CIENTÍFICO E A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA

Se é perfeitamente legitimado que há um campo científico constituído, podemos discutir a respeito de alguns dos impasses existentes no campo da divulgação científica. É significativo apontar que o entendimento que se tem, neste momento, sobre divulgação científica parte de Bueno (2010) quando afirma que o papel fundamental da divulgação científica é “democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica”.

De toda sorte de argumentos disponíveis para mencionar sobre alguns dos desafios da legitimação deste campo vamos nos ater em três que consideramos serem os mais recorrentes nos debates acerca do tema. O primeiro é a, ainda, difícil ponte dialógica entre cientistas e divulgadores. Por vezes há uma incompreensão sobre as dinâmicas da comunicação – que desejam apresentar resultados – e a ciência que deve e precisa trabalhar com os processos.

Esse tipo de procedimento adotado por ambos os lados provoca um ruído que dificulta prioritariamente o receptor essencial tanto da ciência, quanto da comunicação: a sociedade. É a sociedade que perde quanto o diálogo não se estabelece. Quando conflitos de interesses se sobressaem ao devir da ciência e da informação de qualidade. Gonçalves e Longo (2015) advertem sobre as características que a comunicação da ciência deve ter ao afirmar que (...) “se trata de um novo discurso, que deve ser ético, claro e objetivo, sem ser superficial ou vazio de conteúdo; deve ser correto sem ser elitista”.

O segundo obstáculo é ser suficientemente compreendido pelo público leigo ou os não- cientistas sem que para isso seja preciso perder os critérios de cientificidade tão caros ao campo. Existe uma longa e antiga discussão acerca do uso de recursos de linguagem para facilitar a compreensão da mensagem científica. Refutados e elogiados esses usos, em especial de metáforas e analogias, têm encontrado berço próspero no entendimento da sua necessidade tendo em vista as precárias condições no que se refere a alfabetização científica da população. Caldas (2010) aponta o que podemos

considerar como terceiro obstáculo para a efetivação do que se espera da divulgação científica.

Como conciliar a importante função de divulgar ciência e tecnologia (C&T) de forma competente e precisa, sem abrir mão da necessária interpretação e contextualização da produção científica? Considerando a influência da C&T na qualidade de vida das pessoas, é imprescindível levar à opinião pública o contraditório, as relações de poder e interesses, legítimos ou não, que envolvem todo o processo de divulgação científica. Democratizar o conhecimento passa, portanto, não apenas por sua disseminação, mas por uma visão crítica e educativa, que possibilite refletir sobre as práticas de produção científica e sua apropriação pela sociedade.(CALDAS, 2010).

Há que se pontuar o fato de os elementos citados serem entraves e não agentes que impossibilitam a constituição do campo da divulgação científica. Tais diagnósticos são necessários, pois auxiliam na exploração do universo a ser contemplado e superado quando da sedimentação do campo. Outro apontamento importante a ser feito é a respeito da natureza inter/multidisciplinar da divulgação científica, pois ela só se efetiva ao entrar em contato com uma gama de fontes de informações e conhecimentos. Tais fontes são, por exemplo, as ciências, os cientistas, os governos, os institutos de pesquisa, a sociedade, as escolas e os veículos de comunicação.

Se partirmos do pensamento restrito que a produção do conhecimento científico pertence somente aos cientistas o embate é um. Afinal não podemos esquecer que a autonomia do campo científico é uma unidade porosa, pois, para existir, depende do seu principal financiador – o Estado. No entanto, se adotarmos uma visão ampliada entendendo como um campo inter/multidisciplinar de produção e difusão de conhecimento esse olhar linear se amplifica.

Logo, se para divulgar a ciência é preciso filtrar todas essas tensões constantes, quem efetivamente é o detentor do conhecimento científico divulgável? Bourdieu (2004) é taxativo ao considerar que o detentor do direito à divulgação da ciência é o próprio cientista, legitimado por seus pares “que controlam tacitamente o acesso ao grande público”.

Contudo, essa perspectiva sugere uma contextualização (social, política, cultural, econômica e comunicacional) no sentido que o fortalecimento da autonomia do campo científico provoca a inserção da divulgação neste universo como uma extensão fundamental para a validação do campo científico e dos cientistas que nele pertencem. Bueno (1989) trafega nessa perspectiva de diálogo de saberes, quando afirma que o conhecimento não é uma produção individual e sim uma construção coletiva entre a comunidade científica e a sociedade.

Seguindo essa lógica, o historiador Yuval Noah Harari, no livro *21 lições para o século 21*, estabelece um oportuno panorama de diálogo entre a ciência e a comunicação pública da ciência. O autor indica que a divulgação científica, de qualidade, é um caminho a ser trilhado pelo cidadão para obter informações seguras e também aponta para as responsabilidades dos cientistas neste processo.

(...) a comunidade científica tem sido nossa fonte mais confiável de conhecimento, durante séculos. (...) Os cientistas, por sua vez,

precisam estar muito mais envolvidos nos debates públicos atuais. (...) Silêncio não é neutralidade, é apoio ao status quo. É claro que é extremamente importante continuar a fazer pesquisa científica e publicar os resultados em revistas científicas que só uns poucos especialistas leem. Mas é igualmente importante comunicar as últimas teorias científicas ao público em geral por meio de livros de divulgação científica e até mesmo mediante o uso inteligente da arte e da ficção. (HARARI, 2018)

Por outro lado, da mesma forma que há essa desconstrução (às vezes lenta) dessa imagem de neutralidade da ciência, temos o mesmo movimento com relação à comunicação. Não existe imparcialidade, não existe neutralidade. Existem interesses, que podem ser válidos ou completamente destituídos de qualidades. Bueno (2001) apresenta algumas características dessa situação que nomeia como *relações espúrias*.

Mas os relatos de relações espúrias e eticamente condenáveis não se restringem ao campo da ciência e da tecnologia, mas incorporam, também, a indústria cultural e, muito particularmente, a comunicação científica. Os meios de comunicação têm, de caso pensado ou por ingenuidade (incompetência, despreparo?), se tornado cúmplices de interesses políticos, econômicos e comerciais, atuando como autênticos porta-vozes de indústrias, governos, institutos de pesquisa ou governos mal intencionados. (BUENO, 2001)

Comungando dos mesmos dilemas, Caldas et al (2005) apontam a urgência do divulgador científico assumir suas responsabilidades. Para os autores, a democratização do conhecimento é um exercício de cidadania. Propomos, desta forma, que a legitimação do campo da divulgação científica se dá justamente por essa característica de capilaridade. Qualidade que proporciona a tomada de consciência por parte dos divulgadores de sua essencialidade, assim como oferece adicionais de relevância ao campo científico.

A justificativa pode ser encontrada na capacidade de comunicação com vários setores formadores e financiadores da ciência, assim como a competência na apropriação, contextualização, interpretação e difusão do conhecimento. É notório na atualidade, na segunda década do século XXI, a urgência de estabelecer pontes, de propor diálogos edificantes, que promovam uma melhora da vida nas cidades enquanto cidadãos e na vida da Terra como pertencentes ao meio ambiente como também somos. As ciências são parte inegociável desse processo assim como os divulgadores.

PAVIMENTANDO UMA PROPOSTA

Há uma separação definitiva de poderes. Fica clara a manutenção da legitimidade exclusiva dos cientistas. A preservação de uma situação de apenas autoalimentação. Talvez seja essa uma necessidade de manter o campo científico alheio a interferências. Porém, como sabemos, há um financiador – o Estado (principalmente) – deste campo. Dito isto, não seria a comunicação científica um importante agente fiscalizador e/ou mantenedor da autonomia, mesmo que relativa, do campo científico?

Caldas (2010) esboça essa relação como um reconhecimento de potencialidades, no qual cientistas e jornalistas deveriam divulgar a ciência de forma crítica, com contexto e pensando na sociedade como forma de subsidiá-la para participar das decisões sobre os temas que afetam sua vida.

De certa forma pode ser que estejamos propondo um intercâmbio de campos, uma intersecção de capitais científicos. Uma incursão num universo mais expandido de compartilhamento para além de uma preservação de *status quo*. A história da sociedade já comprovou que se fechar em si causa danos por vezes irreparáveis. As demandas de um mundo globalizado, capitalista, se mostram urgentes no sentido de buscar parcerias mirando benefícios coletivos. No entanto não sejamos ingênuos a ponto de acreditar que os interesses serão diluídos.

O melhor é considerar o compartilhamento de tais interesses visando um objetivo em comum. Cada ente deste universo ciência – sociedade – comunicação – Estado – tem uma lógica de funcionamento e tal lógica provoca sucessivas tensões. Bourdieu (2004) menciona exatamente essa perspectiva de fortalecimento dos campos como uma vacina para as interferências externas.

Dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal o seu poder de refração, de retradução. Inversamente, a heteronomia de um campo manifesta-se, essencialmente, pelo fato de que os problemas exteriores, em especial os problemas políticos, aí se exprimem diretamente. (BOURDIEU, 2004)

Neste sentido o campo científico é muito mais refratário a infiltrações do que o suposto campo da divulgação científica, o qual estamos postulando a legitimação. Se admitirmos a ideia que a divulgação precisa da ciência e não o contrário a questão se esgota aqui. Porém, se mudarmos a angulação do olhar e expandirmos para a necessidade da ciência de se valer enquanto instituição, depender tanto de recursos financeiros quanto de prestígio e credibilidade, a comunicação alça este posto que estamos pleiteando. Caldas (2010) indica que os meios de comunicação podem ser aliados da ciência, pois ao ampliá-los “(...) a circulação da informação deixa de ter fronteiras (...) possibilitando a todos o acesso à informação e, conseqüentemente, a perspectiva do conhecimento e do saber”.

Essa perspectiva trazida por Caldas de enxergar a comunicação como aliada da ciência renova um pensamento de talvez ser este o caminho de legitimação do campo da divulgação sem necessariamente estabelecer pilares fixos, sedimentados em uma não inteligência de maleabilidade. Lordêlo e Porto (2012) afirmam que a divulgação científica não só deve ser incorporada na e pela sociedade, como também é necessária a criação de uma “cultura da divulgação científica”.

Essa cultura da divulgação científica seria responsável por, ao mesmo tempo, consolidar a legitimidade do campo científico, introjetar a urgência da difusão do conhecimento na sociedade e dotar esta mesma sociedade de elementos com os quais possam reivindicar seus direitos e exercer seus deveres. Oliveira (2001) salienta que a divulgação científica também exerce a

capacidade de colaborar para a melhora da visão de mundo das pessoas. A autora afirma que a sociedade é “contaminada por superstições e crenças, que impedem as pessoas de localizar com clareza as verdadeiras causas e efeitos dos problemas que enfrentam na vida cotidiana”.

Se o campo científico, formado pelos cientistas, estão imbuídos deste compromisso de promover o desenvolvimento científico e tecnológico é de se poder considerar que, ao contrário de se negarem, irão se mobilizar para entender (talvez aceitar) que os divulgadores estão trabalhando em sintonia. Castelfranchi (2010) é categórico ao afirmar que o trabalho conjunto de divulgação do conhecimento científico entre comunicadores e cientistas é fundamental para o funcionamento da democracia, porque o “direcionamento e a gestão não apenas da pesquisa científica e das aplicações tecnológicas, mas também da política nacional e internacional como um todo, envolvem, cada vez mais, a sociedade civil”.

Essas considerações nos fazem crer na possibilidade de preservação da autonomia do campo científico exatamente pela possibilidade de abrir janelas de diálogo com a sociedade por meio de canais de comunicação que divulguem, de forma responsável, o que é feito no campo. Desta forma, resgatando a visão estreita que ainda permanece sobre a divulgação científica como apenas tradutora da ciência, o campo da divulgação se fortalece como (mais) um agente mantenedor das bases democráticas na sociedade, promovendo a difusão de conhecimento e informações que realmente proporcionem a evolução pessoal e comunitária da população.

Mueller e Caribé (2010) registram que a evolução nos processos de comunicação trouxe um novo momento na atualidade, consequência “(...) do esforço daqueles que (...) acreditaram no poder do conhecimento e na premência de torná-lo acessível a grupos sempre maiores, em todo o mundo” (MUELLER; CARIBÉ, 2010, p. 28). É interessante pensar que a informação científica é um direito, pois, dessa forma abrimos passagem para a formação desse elo de responsabilidade profissional e social entre cientistas e divulgadores.

Montes de Oca (2010) diz que o jornalismo científico será uma atividade que “a) cree espacios de encuentro entre constructores y usuarios del conocimiento científico, b) propicie el desarrollo humano de nuestras sociedades” (MONTES DE OCA, 2010, p. 31). A autora provoca uma sugestão de pensar um intercâmbio entre campos: o campo científico, com sua autonomia relativa, porém legitimado por seus pares e o campo da divulgação científica como um campo em processo de construção, sem necessariamente necessitar de uma legitimação interna, mas que se legitima exatamente pela sua capilaridade e sua capacidade de amplificar discursos.

Bueno (2001) adverte que os comunicadores científicos precisam se comprometer com uma perspectiva crítica acerca de seu trabalho e que a constituição da sociedade tal como está, globalizada, precisa que tais profissionais tomem uma posição diante da complexidade e dos interesses existentes nas relações entre ciência/tecnologia e sociedade. Capozoli (2002) complementa a discussão afirmando que “divulgação de ciência é coisa para divulgadores científicos, tenham eles a formação que tiverem, desde que comprometidos com os princípios científicos”. Vogt e Morales (2018) fomentam este ponto argumentando que, considerando a existência da

construção de uma cultura científica na qual as tensões e aproximações das dinâmicas são incluídas, existe um local de intersecção.

(...) o lugar que deve ocupar a cultura científica na nossa sociedade é o ponto de encontro entre a sociedade e a ciência. Portanto, o ponto de encontro da ciência com a sua percepção pela sociedade; da ciência com o que não é ciência, mas que também é determinante e constitutivo da sua natureza. Dito de uma forma mais específica, do ponto de vista das práticas acadêmicas e de pesquisas, o ponto de encontro da ciência e da cultura – e da sociedade – é o ponto de sua divulgação. (VOGT; MORALES, 2018)

Já Zamboni (2001) entende que os cientistas utilizam o discurso da divulgação científica como forma de obtenção de ganhos simbólicos, acadêmicos e financeiros. Para o autor “a divulgação científica opera como uma força de reconhecimento e legitimação dos círculos de saber, conferindo à atividade científica um lugar de prestígio e poder”.

Assim sendo e retomando a proposta inicial de discutir a divulgação científica como um campo legitimado, assim como o é o campo científico, é conveniente propor que o campo da comunicação da ciência possui sua validade justamente por ter essa habilidade de confluência, de convergência. Seria completamente absurdo pensar que a divulgação científica, na verdade, os divulgadores científicos podem adquirir o *habitus* científico?

Um campo, tratar-se-ia do campo científico, define-se, entre outras coisas, ao definir questões e interesses específicos, que sejam irreduzíveis às questões e interesses próprios de outros campos (...) e que não sejam recebidas de alguém que não tenha sido construído para entrar nesse campo. (...) Para que um campo funcione é preciso que haja desafios e pessoas prontas para jogar o jogo, dotadas do *habitus* que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, questões etc. (BOURDEIU, 2019)

Logo, é possível afirmar que a divulgação científica reúne as características mencionadas por Bourdieu para “jogar o jogo”. O caminho percorrido, considerando os primórdios no século XIX até a atualidade, indica que os agentes envolvidos em comunicar a ciência possuem o conhecimento necessário para a solidificação do campo da divulgação científica. A considerar alguns aspectos, tais como, a constante formação e aprimoramento do conhecimento e o intercâmbio de informações entre os pares é possível reconhecer que os divulgadores da ciência são dotados dessa práxis. É preciso lembrar também que as lutas existentes no campo científico em busca da autoridade científica também se dão no campo da divulgação.

A autoridade científica pode ser entendida, fundamentado em Bourdieu, como o capital simbólico, ou seja, a dotação de conhecimento e reconhecimento alcançado pelos membros componentes dos campos. No caso aqui presente o capital simbólico dos divulgadores científicos tem como um critério de valor a qualidade do seu trabalho, entendendo-a, por exemplo, como a capacidade de promover a alfabetização científica da sociedade. Um outro exemplo é o potencial de difusão – reconhecimento e aceitação pelos pares.

Capital simbólico do divulgador da ciência é também a habilidade de trafegar de forma íntegra entre os campos científico, econômico e político identificando as interferências e preservando o campo da divulgação. Contudo, em tempos intermitentes de questionamentos acerca da credibilidade da ciência entender e incorporar a divulgação como uma mola propulsora de valorização é, com certeza, uma abordagem a ser debatida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratou-se aqui de semear perspectivas transversais de possibilidades para a relação entre o campo científico e sua divulgação. Nota-se que desta forma é considerável uma incursão reflexiva em sugerir que a divulgação científica como um membro atuante no processo de legitimação do campo científico. E que, na outra ponta, o campo científico fornece valiosos subsídios para a legitimação do campo da divulgação da ciência.

No entanto, não é uma incursão alienante de considerar a igualdade de forças atuantes no campo científico, como postula Bourdieu. Assim como não há ciência (ou ciências) neutra, o mesmo é possível afirmar sobre a divulgação científica. Por um lado, os interesses dos financiadores da ciência e por outro as linhas editoriais dos meios de comunicação, a capacidade de alcance destes meios para chegar no seu público-alvo, os recursos intelectuais e financeiros para realização a divulgação, para ficar somente em alguns exemplos.

No campo da comunicação da ciência é também possível citar inclusive o conflito existente para definir quem efetivamente faz divulgação e quem apenas “traduz” o conteúdo. Pois, essa visão de tradutores da ciência, que ainda existe, precisa ser superada. Afinal é reduzir em muito o potencial e as obrigações da divulgação com apenas essa função. O que se pretendeu foi levantar possibilidades de cruzamentos de saberes visando compartilhamentos profícuos e saudáveis.

Neste cruzamento haveria o respeito à expertise adquirida, aos conflitos e necessidades estruturantes e estruturadas como também uma disposição de construir um ciclo constante de fortalecimento da produção e difusão do conhecimento. Neste momento não houve a intenção de discurso a respeito da qualidade da ciência que se produz, nem tão pouco, da qualidade da divulgação que é feita desta. Não que isso não seja algo de extrema relevância e impacto direto no rumo tanto de políticas públicas, quanto nas decisões da sociedade. O objetivo aqui proposto foi de outra natureza. Foi o de oferecer reflexões contemporâneas que consideramos necessárias na atualidade globalizada.

Visando a uma apresentação coerente e de alta qualidade da publicação da Revista Tecnologia e Sociedade, solicitamos aos autores que sigam os critérios e características técnicas, as orientações de estilo e formatação de texto apresentadas neste documento. O modo mais simples de fazê-lo é substituir o conteúdo do modelo pelo de seu artigo, cuidando para não adicionar novos estilos, ou redefinir os estilos do modelo.

Science communication as a field

ABSTRACT

The following reflections present a discussion of a legitimate field of science communication, based on Bourdieu's concepts of scientific field and considerations regarding science communication. We have developed potential characteristics for the formation of this field, as well as some obstacles that may hinder its validation. The debate was constructed through dialogue between Bourdieu's thinking and some of the main researchers and professionals who discuss science communication in Brazil today. Finally, we present a proposal for a balanced co-existence between the scientific field and expectations regarding the dissemination of science.

KEYWORDS: Bourdieu. *Habitus*. Scientific field. Science communication.

AGRADECIMENTOS

À Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa de financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **Usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____. **Para uma sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- _____. **Sobre o Estado**: cursos no Collège de France (1989-92). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.
- _____. **Questões de sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- BUENO, W. C. Jornalismo científico, lobby e poder. **Parcerias Estratégicas**, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 168-200, 2001. Disponível em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/view/194 Acesso em 18 jul.2021.
- _____. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1esp, p. 1-12, 2010. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>. Acesso em: 18 jul.2021.
- CALDAS, G. et al. O desafio da formação em Jornalismo Científico. In: **XIV Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação Social (Compós)**, UFF, Niterói, Anais GT Estudos de Jornalismo, 2005. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_845.pdf. Acesso em 18 jul. 2021.
- CALDAS, G. Divulgação científica e relações de poder. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1esp, p. 31-42, 2010. Disponível: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583>. Acesso em 20 jul.2021.
- CAPOZOLI, U. A divulgação e o pulo do gato. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002. Disponível em: <http://www.editora.ufrj.br/DynamicItems/livrosabertos-1/Ciencia-e-Publico.pdf>. Acesso em 21 jul 2021.
- CASTELFRANCHI, Y. Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público? (Muitas respostas óbvias... mais uma necessária). In: MASSARANI, L. **Jornalismo e Ciência**: Uma Perspectiva Ibero-Americana. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Museu da Vida, 2010. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/725-tcc-32>. Acesso em 21 jul. 2021.

GONÇALVES, E. M.; LONGO, S. Discursos da divulgação científica: o conhecimento a serviço da qualidade de vida. In: SANTOS, M.; BUENO W. C. **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

LORDÊLO, F. S.; PORTO, C. M. Divulgação científica e cultura científica: Conceito e aplicabilidade. **Rev. Ciênc. Ext.** São Paulo, v.8, n.1, p.28, 2012. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/515. Acesso em 20 jul. 2021.

MUELLER, S. P. M; DO VALE CARIBÉ, R. C. A comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Informação & informação**, Londrina, v. 15, n. 1esp, p. 13-30, 2010. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6160>. Acesso em 20 jul. 2021.

MONTES DE OCA, A. El renovado desafío del periodismo científico. In: MASSARANI, L. **Jornalismo e Ciência: Uma Perspectiva Ibero-Americana**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Museu da Vida, 2010. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/725-tcc-32>. Acesso em 21 jul. 2021.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2019.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

VOGT, C.; MORALES, A. P. Cultura Científica. In: VOGT, C.; GOMES, M.; MUNIZ, R. **ComCiência e divulgação científica**. Campinas, SP: BCCL/ UNICAMP, 2018. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/assets/periodicos/normas/abnt.pdf>. Acesso em 20 jul. 2021.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

Recebido: 02/09/2021

Aprovado: 20/09/2021

DOI: 10.3895/rts.v18n50.14697

Como citar: RIBEIRO DO VALLE, L.; HADDAD NOVAES DE ANDRADE, T. A divulgação científica enquanto campo. **Rev. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 18, n. 50, p.230-242, jan./mar., 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/14697>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

